

PROCESSOS EVOLUTIVOS NA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS NOS ASSENTAMENTOS MONTE ALEGRE 1 E MONTE ALEGRE 4, EM ARARAQUARA, ESTADO DE SÃO PAULO¹

Vanilde Ferreira de Souza²
Lucia Ferreira³
Gláucia Miranda Ramirez⁴
Sonia Maria P. P. Bergamasco⁵

RESUMO: Os assentamentos rurais põem fim a um processo e iniciam outro, onde as transformações acontecem de maneira constante e, com isso, os trabalhadores rurais têm a possibilidade de desenvolver seus projetos de vida. O termo assentamento está relacionado a um espaço preciso em que uma população será instalada é, portanto, uma transformação do espaço físico, cujo objetivo é a sua exploração agrícola. Sendo assim, este estudo partiu para uma investigação dos projetos de assentamentos rurais, Monte Alegre 1 e Monte Alegre 4, no sentido de discutir, a partir da utilização de Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) e das alterações nos lotes, o processo de uso e ocupação do solo, bem como as dinâmicas relacionadas às moradias nos assentamentos. Para a confecção dos mapas de uso e ocupação do solo utilizou-se o programa Autocad Map. Os resultados apontam dinâmicas distintas quanto as alternativas de produção nos dois assentamentos. Assim, as transformações em curso são prova das estratégias estabelecidas pelos assentados de acordo com a sua realidade para garantir a sobrevivência da família e a perpetuação do patrimônio.

Palavras-chave: assentamento rural, organização do espaço, estratégias produtivas.

EVOLUTION OF SPACE OCCUPATION IN THE MONTE ALEGRE 1 AND MONTE ALEGRE 4 SETTLEMENTS IN ARARAQUARA, SAO PAULO STATE, BRAZIL

ABSTRACT: Rural settlements mark the end of a process and start another, in which constant transformations allow rural workers the possibility to develop their life projects. The physical project of the settlements is built over a rural area already available for the settling of landless workers. The term settlement is related to a precise space where the population is going to be settled and, therefore, to the transformation of a physical space aimed at its agricultural exploration. Through Geographic Information System (GIS) technology and the observation of alterations to the lots, this study examined the rural settlement projects called Monte Alegre 1 and Monte Alegre 4 in order to discuss the process of land use and occupation, as well as the dynamics related to the settlement housing units. The Autocad Map software was used for land-use mapping. Results point to different dynamics concerning the modes of production in those settlements. The ongoing changes observed evidence the strategies developed by the settled families to ensure their survival and the perpetuation of their patrimony.

Key-words: rural settlement, space organization, productive strategies.

JEL Classification: Q, Q15.

¹Este trabalho faz parte da pesquisa "A dinâmica dos assentamentos de trabalhadores rurais e seus efeitos sobre o espaço social e físico", a qual foi realizada pelas equipes de professores e pesquisadores da Faculdade de Engenharia Agrícola da UNICAMP em parceria com pesquisadores do Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, com a qual as citadas equipes possuem longa tradição de trabalho em conjunto. Registrado no CCTC, REA-09/2007.

²Engenheira Agrônoma, Professora Doutora, Universidade Estadual de Maringá (UEM) (e-mail: vanilde@yahoo.com).

³Engenheira Agrícola, Professora Doutora, Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes (MG) (e-mail: lferreira23@yahoo.com.br).

⁴Engenheira Agrônoma, Mestre (e-mail: glaucia@cpa.unicamp.br).

⁵Engenheira Agrônoma, Pós-Doutorado pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França (e-mail: sonia@agr.unicamp.br).

1 - INTRODUÇÃO

Na maioria dos casos a implantação de assentamentos rurais no Estado de São Paulo se deu a partir de várias ações políticas de trabalhadores rurais sem-terra, os quais estavam organizados por diversos movimentos sociais e sindicais. Nos anos 1960 surgiram as primeiras propostas governamentais de realização de projetos de assentamentos rurais no estado. Essas propostas ocorreram através do programa de Revisão Agrária do governo Carvalho Pinto (1958-1962), que foram elaboradas em 1958 e, timidamente, colocadas em prática a partir de 1960. Nas ações agrárias governamentais houve algumas situações de conflito social, sendo poucos os assentamentos em que a formação não está associada a uma situação de conflito transcorrida pela organização política dos trabalhadores interessados no acesso a terra por meio da reforma agrária.

Assim, no Estado de São Paulo registrou-se grande diversidade nas políticas fundiárias que originaram os assentamentos. Algumas áreas onde esses assentamentos foram implantados eram de domínio de empresas estatais como a Ferrovias Paulistas S.A. (Fepasa), a Companhia de Desenvolvimento Agropecuário de São Paulo (Codasp), a Companhia Energética de São Paulo (Cesp) e a Petrobrás; outras pertenciam ao governo do Estado de São Paulo; e um outro grupo, especialmente, na região do Pontal do Paranapanema, originou áreas de reaquisição de propriedades do Governo ocupadas há décadas por agropecuaristas que transformaram essas áreas em grandes fazendas particulares, a maior parte delas improdutiva (BERGAMASCO e NORDER, 2003). Dois projetos, situados em Porto Feliz e Iperó (região de Sorocaba), eram fazendas experimentais, vinculadas ao Governo Federal. É pequeno o número de famílias assentadas beneficiadas por políticas federais de reforma agrária envolvendo a desapropriação por interesse social, conforme a legislação agrária. Isso porque a maioria dessas famílias no Estado de São Paulo foi assentada em terras devolutas do governo.

Grande parte dos assentamentos de traba-

lhadores rurais existentes no Estado de São Paulo foi criada a partir de 1983, com o governo Franco Montoro que propôs um programa fundiário, em resposta à pressão e à organização dos trabalhadores rurais, tendo por base dois planos: o Plano de Valorização de Terras Públicas e o Plano de Regularização Fundiária. A implementação desses planos resultou na constituição e regulamentação de 38 núcleos durante o período de 1984 a 1995, numa área total de 3934ha abrigando cerca de 3556 famílias. Nesse processo participaram as autoridades estaduais e municipais, assim como as famílias a serem assentadas (ANTUNIASSI; AUBRÉE; CHONCHOL, 1993).

No espaço rural paulista, percebe-se a ocupação de duas diferentes formas de produção. De um lado, tem-se o modelo de uma agricultura onde prevalece o desenvolvimento do grande capital, a qual está baseada em técnicas modernas de produção caracterizada, sobretudo, pela monocultura. Por outro lado, tem-se uma forma de produção diversificada que possui suas bases no trabalho familiar, sendo este o contexto no qual os assentamentos rurais estão inseridos.

O projeto de assentamento rural sinaliza o fim de um processo e o início de outro. Nesse processo, onde as transformações são constantes, os trabalhadores rurais têm a possibilidade de desenvolver seus projetos de vida. O projeto físico do assentamento se constrói sobre uma área rural já disponibilizada para a instalação de trabalhadores rurais sem terra, seja em terras pertencentes ao Estado – terras públicas ou mesmo áreas adquiridas por meio de ações reivindicatórias –, seja em áreas obtidas por desapropriação pelo governo federal. O termo assentamento está relacionado a um espaço preciso em que uma população será instalada é, portanto, uma transformação do espaço físico, cujo objetivo é a sua exploração agrícola (BERGAMASCO; BLANC-PAMARD; CHONCHOL, 1997).

Diante dos processos e das transformações que ocorrem nos projetos de assentamentos rurais, este estudo, tem como objetivo discutir, a partir da utilização de Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) e da superposição e composição de mapas, o

processo de uso e ocupação do solo e as dinâmicas relacionadas às moradias nos assentamentos Monte Alegre 1 e Monte Alegre 4, localizados no município de Motuca, região de Araraquara.

2 - ÁREA DE ESTUDO

Resultado das distintas políticas públicas ocorridas no Estado de São Paulo, a região de Araraquara (região central do Estado de São Paulo) possui três projetos de assentamentos rurais. Os projetos de assentamentos Monte Alegre e Horto Bueno de Andrade são de responsabilidade da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) e o projeto Bela Vista do Chibarro, de responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). As primeiras áreas de assentamentos (Monte Alegre 1, 2, 3 e 4) foram instaladas nos anos de 1985 e 1986, ainda na gestão do governador André Franco Montoro (1983-1986), tendo sua instalação completa quase dez anos depois. O projeto de assentamento Monte Alegre possui 6 áreas, totalizando 358 lotes agrícolas (FERRANTE, 2002).

Durante a década de 1940 o governo do Estado de São Paulo comprou a Fazenda Monte Alegre com o objetivo de produzir madeira para a construção da Estrada de Ferro Araraquarense. Depois de 30 anos, com a criação da Fepasa a fazenda tornou-se ociosa e, sob a coordenação da Companhia Agrícola Imobiliária e Colonizadora (CAIC), várias empresas organizadas obtiveram financiamento do governo federal para exploração da madeira na Fazenda Monte Alegre. Em 1984, vários trabalhadores começaram a reivindicar as áreas da Fazenda Monte Alegre, as quais haviam sido abandonadas pela CAIC, com o objetivo da realização de projetos de assentamentos nessa área, que foi viabilizado no ano de 1985 (DANTAS, 1998). As primeiras famílias (32) a ocuparem esse assentamento, em agosto de 1985, eram ex-bóias-frias – homens e mulheres cujo objetivo era a fuga do desemprego causado pelo aumento da mecanização do corte da cana-de-açúcar. Nesse sentido, a terra surgiu como alternativa ao desem-

prego que assolava a região (FERRANTE, 2000). Posteriormente, juntaram-se a esse grupo mais 16 famílias oriundas dos municípios de Cravinhos, Urupês e Pontal, localizados na região de Ribeirão Preto. Em outubro de 1985, foi criado o núcleo 2, sendo instaladas 38 famílias, a maioria da cidade de Sertãozinho, que estavam no município de Pradópolis numa área da Fepasa. No ano de 1986 foram formados o núcleo 3 – cujas famílias eram compostas de assalariados migrantes do Estado de Minas Gerais –, e o núcleo 4 cuja maioria das famílias eram provenientes do município de Guariba, município também localizado na região de Ribeirão Preto (DANTAS, 1998).

Neste trabalho foram estudadas, no assentamento Monte Alegre, a área 1, cuja implantação ocorreu em julho de 1985 e a área 4 implantada em novembro de 1986 (BERGAMASCO; BLANC-PAMARD; CHONCHOL, 1997).

3 - MATERIAL E MÉTODO

Em 2004 realizou-se uma coleta de dados junto aos assentados para identificar as modificações ocorridas nos lotes de produção agrícola. Este levantamento foi feito a partir da fotografia aérea da área no ano 2000⁶. Para tanto, foi realizada uma amostragem aleatória de 10% do total de lotes no assentamento (49 lotes nos dois assentamentos) na qual ficou estabelecido que fosse realizado o levantamento em 11 lotes para o assentamento Monte Alegre 4 e 7 lotes no assentamento Monte Alegre 1. Como no momento da coleta das informações alguns assentados haviam vendido ou trocado o lote e outros não encontravam-se no assentamento, foram coletados dados referentes a seis lotes nos dois assentamentos. Essa redução na amostra não interferiu nos resultados do trabalho uma vez que contempla 10% dos lotes dos assentamentos estabelecidos inicialmente.

Os lotes onde foram realizados o levantamento das informações foram sorteados de maneira

⁶As fotografias aéreas foram fornecidas pelo Centro de Informações Agropecuárias (CIAGRO) da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI).

aleatória. Após esse passo, realizou-se a verificação junto ao assentado de quais eram as culturas produzidas em 2000 e quais haviam sido introduzidas no ano de 2004. Com essas informações, partiu-se para a confecção dos mapas a partir da digitalização do uso do solo dos lotes nos anos 2000 e 2004. Para digitalização utilizou-se o programa Autocad Map; este programa permitiu a confecção dos mapas de uso e ocupação dos solos, que, posteriormente, foram inseridos num programa de SIGs⁷ para serem associados a um banco de dados, gerando assim o mapa cadastral desses assentamentos. Nesse estudo a utilização do programa de SIG se fez importante, pois para cada objeto geográfico (lotes) um SIG armazenou seus atributos e as diversas formas de representações gráficas associadas, tornando-se uma ferramenta importante para a formação dos mapas, além de fornecer suporte espacial para análise das transformações ocorridas nos assentamentos, bem como fornecer um banco de dados dos mesmos.

4 - ANÁLISE DE RESULTADO

Normalmente, num projeto de assentamento, devem ser considerados alguns indicadores para o assentamento das famílias, são eles: o número médio de trabalhadores por família (força de trabalho), o potencial produtivo do solo, as condições climáticas, o tipo de relevo, as áreas de preservação ambiental existentes, tipos de culturas melhores adaptadas às condições, tipo de mercado consumidor, entre outros (ITESP, 2000). O projeto de assentamento forma uma ação de reordenamento fundiário sobre uma dada área. O espaço, antes concentrado, é dividido propiciando a construção de novas unidades de produção, com base na economia familiar.

Após o processo de desapropriação da área,

⁷ O geoprocessamento é uma área de conhecimento que emprega técnicas matemáticas e computacionais, cujo objetivo é o tratamento de informações geográficas. As ferramentas computacionais do geoprocessamento são chamados de SIGs, que possibilitam a execução de análises complexas ao integrar dados de diversas fontes e ao possibilitar a geração de bancos de dados georreferenciados (CÂMARA; MEDEIROS, 1998).

a primeira transformação do espaço se dá por meio da divisão dos lotes. Cada família irá ocupar um determinado espaço, que é calculado a partir de determinados critérios (técnicos e socioeconômicos).

4.1 - Transformação do Espaço Produtivo nos Assentamentos Monte Alegre 1 e 4

Com a implantação dos projetos de assentamento Monte Alegre 1 e 4 torna-se necessário a modificação do cenário nas áreas em que foram inseridos. Esses assentamentos localizam-se na região central do Estado de São Paulo, a região de Araraquara. Trata-se de uma região tomada por grandes extensões de terras ocupadas com culturas de exportação, fundamentalmente, a cana-de-açúcar e a laranja. A significativa presença de culturas típicas da grande empresa agrícola, na região, caracteriza sua estrutura fundiária em termos de convenção de média a forte. Em 1991, o Índice de Gini do município de Araraquara era de 0,49, em 2000 esse índice passou para 0,53, significando um pequeno aumento da concentração fundiária, uma vez que esse índice mede o grau de concentração de qualquer distribuição estatística, como a da terra e a da renda. O resultado desse cálculo varia de 0 a 1 quanto mais próximo de 1, maior a concentração.

A figura 1 apresenta o Mapa da divisão dos lotes nos assentamentos rurais Monte Alegre 1 e Monte Alegre 4.

Quando é feita uma comparação dos assentamentos da Fazenda Monte Alegre com os vários outros existentes no estado nota-se que a característica mais acentuada é justamente o fato de estarem inseridos num território em que prevalece a agricultura modernizada. Nessa região, a maior parte da área agrícola está cultivada com a cana-de-açúcar, sendo que apenas no município de Araraquara a extensão dessa cultura chega a cerca de 32 mil hectares, constituindo o maior complexo agroindustrial da região. Dessa maneira, a presença de um projeto de agricultura familiar por meio dos assentamentos rurais aponta para a contradição que ocorre num

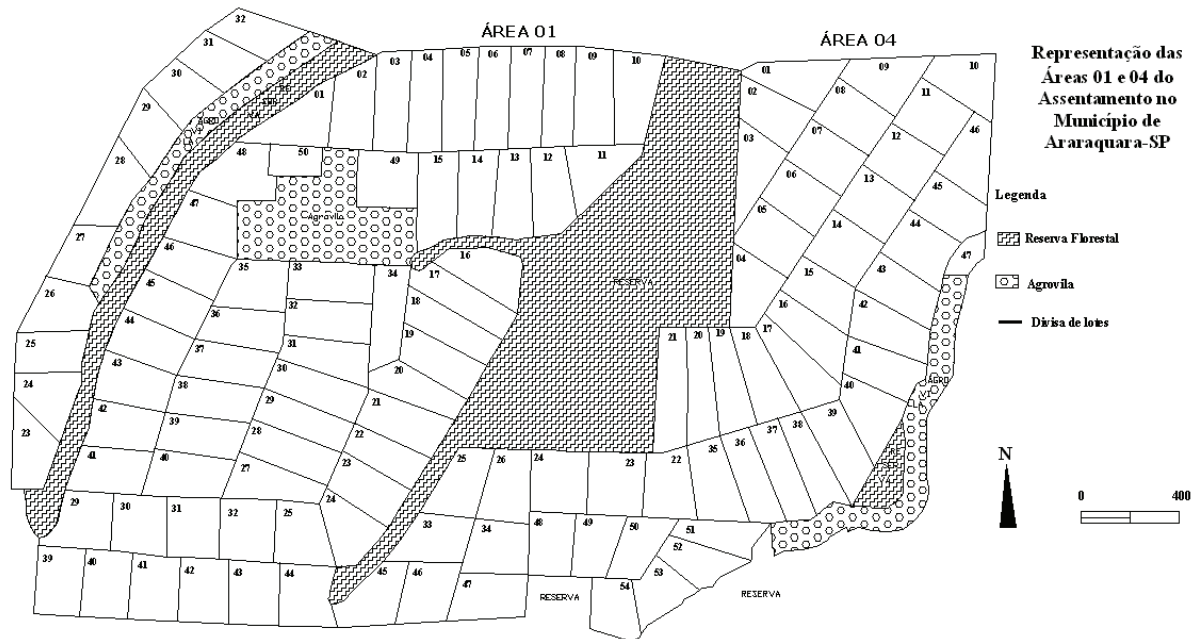


Figura 1 - Divisão dos Lotes do Assentamento Monte Alegre 1 e Monte Alegre 4, Município de Araraquara, Estado de São Paulo.

Fonte: ITESP, 2004 (modificado por FERREIRA, 2005).

espaço social que é dominado pelo latifúndio moderno (FERRANTE e BARONE, 2003).

O assentamento instalado na antiga Fazenda Monte Alegre, de 7300ha, conta com seis núcleos. No núcleo 1 do assentamento Monte Alegre estão assentadas 49 famílias em 729ha, cada família possui um lote agrícola de aproximadamente 14ha e um lote de moradia de 1ha. No núcleo 4 foram instaladas, também, 49 famílias em uma área de 679,35ha, nesse núcleo coube para cada família 14ha e, também 1ha para o lote de moradia (BERGAMASCO e NORDER, 2003).

A implementação dos assentamentos Monte Alegre 1 e 4 ocorreu com a participação das famílias, as quais já possuíam uma experiência de organização coletiva, o que facilitou o início da construção social de uma nova realidade para elas. Com a ajuda das famílias foi possível traçar as transformações que ocorreram nas áreas agrícolas com o objetivo de

entender, em parte, a dinâmica do grupo.

São apresentadas as áreas 1 e 4 dos assentamentos da Fazenda Monte Alegre (Figuras 2 e 3). Nessas figuras, a distribuição do uso e ocupação das terras nos lotes foi confeccionada baseando-se nos dados agrícolas referentes aos anos de 2000 e 2004. De maneira geral, percebeu-se nesse período que houve uma modificação acentuada no uso e ocupação dos lotes.

Analisando, inicialmente, o assentamento Monte Alegre 1, verificou-se que o lote 09 no ano de 2000 apresentava uma parte da área sem cultivo, já em 2004, esse lote passou a ser todo cultivado. Foram introduzidas as culturas de feijão e milho, e a área que, anteriormente, era ocupada com pasto foi reduzida. Segundo Ferrante (1997), nos primeiros anos do assentamento houve, de maneira geral, a priorização pelo plantio de grãos, porém com o passar dos anos os assentados encontraram outras al-

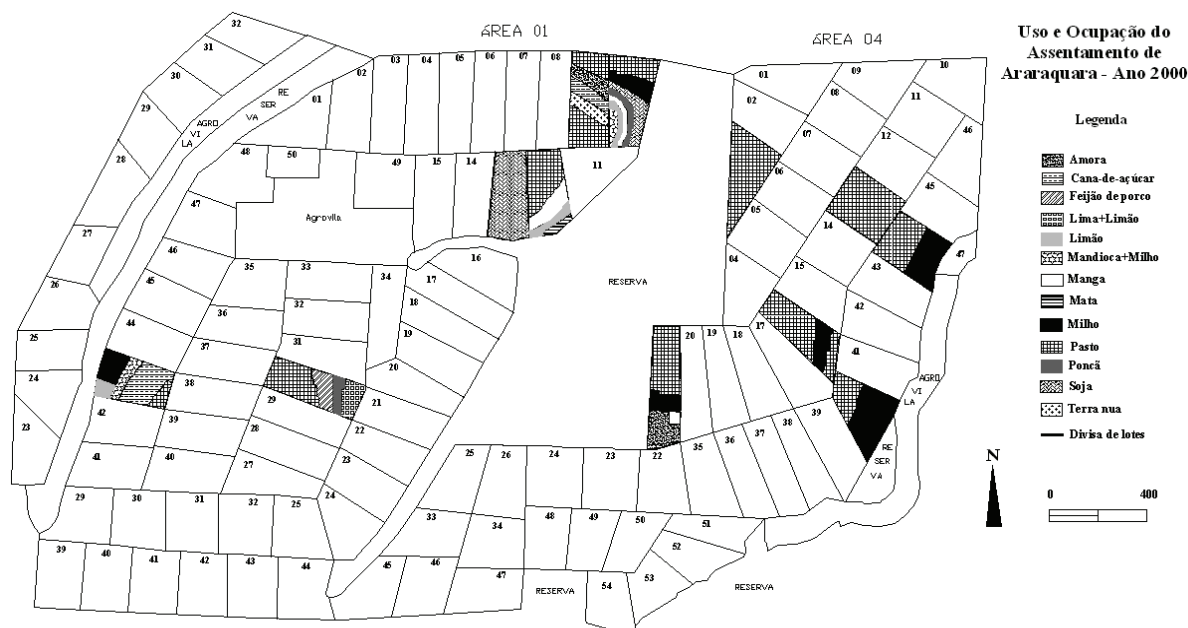


Figura 2 - Uso e Ocupação do Solo do Assentamento Monte Alegre 1 e Monte Alegre 4, Município de Araraquara, Estado de São Paulo, Ano 2000.

Fonte: Dados da pesquisa, 2004.

ternativas de produção.

No caso do lote 10, a área de pasto também foi reduzida, cedendo parte para a cultura de cana-de-açúcar em 2004. As áreas cultivadas com milho e soja presentes em 2000 foram destinadas, a maior parte, para a cana-de-açúcar e para a plantação de eucalipto. O plantio de eucalipto visa à obtenção de mourões. Nesse lote correu aumento da área plantada com limão, em substituição ao plantio de ponkan. Nos assentamentos os assentados encontram diversas formas para viabilizar a produção e a sua permanência no lote, dessa forma verifica-se ao mesmo tempo plantações diversificadas e monoculturas, como é o caso da cana-de-açúcar (DUVAL e FERRANTE, 2006).

No lote 12 as mudanças foram relativas à erradicação da plantação de manga tornando a área sem cultivo e, na área ocupada pelo pasto foi plantada a cana-de-açúcar. No restante do lote foram mantidas com as mesmas ocupações do ano de 2000. Uma mudança radical foi verificada no lote 13. Neste lote a cultura de soja, presente no ano 2000, foi to-

talmente retirada cedendo lugar para a cultura de cana-de-açúcar e, eucalipto numa pequena faixa, sendo que o restante da área foi mantida sem cultivo em 2004.

A área dos lotes ocupadas com pasto também foram diminuídas ou excluídas para a introdução da cana-de-açúcar, tal fato também foi verificado no lote 30. Nesse lote verificou-se também, durante o período analisado, a retirada da plantação com lima aumentando o plantio de limão e ponkan. Em 2000, o lote 43 apresentava uma ocupação bem diversificada, já em 2004 esta diversificação diminuiu. Nesse lote as culturas existentes foram substituídas pelo pasto e pela cultura de cana-de-açúcar, com predomínio desta última. Ferrante; Whitaker; Barone (2004, p. 38), apontam que "De um lado, a voracidade do agronegócio regional tenta se impor, aproveitando-se de uma relativa fragilidade econômica dos projetos de assentamentos rurais; de outro, os assentados reduzem o espaço reservado ao pasto para as vacas leiteiras, aos pomares de frutas..."

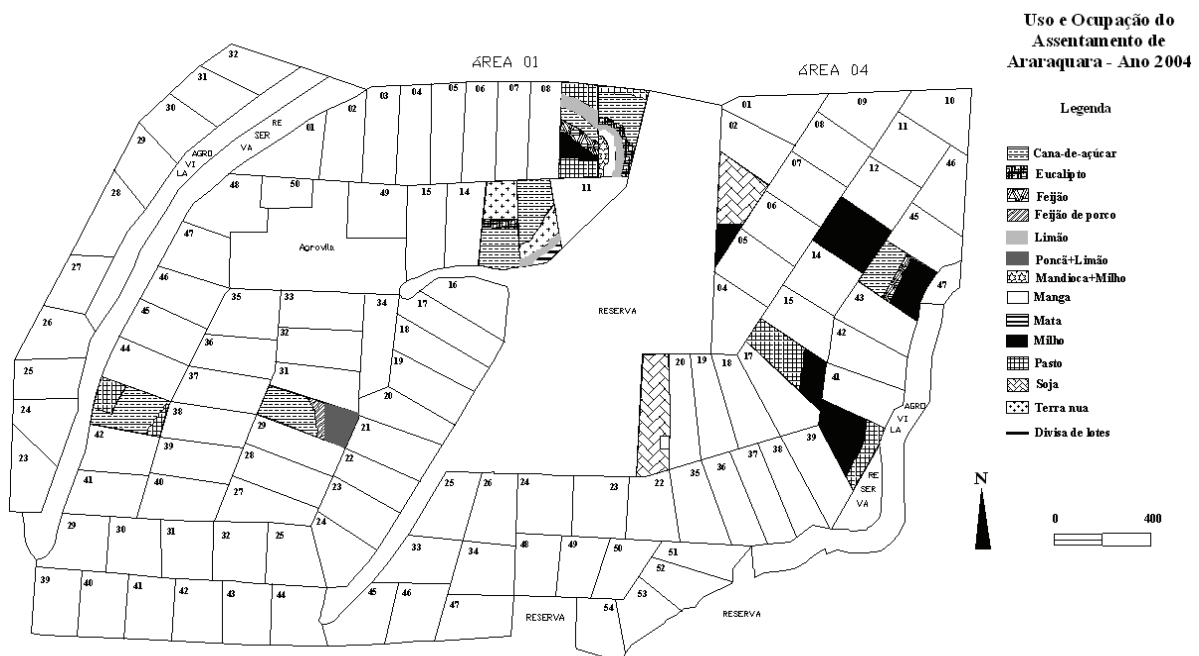


Figura 3 - Uso e Ocupação do Solo do Assentamento Monte Alegre 1 e Monte Alegre 4, Município de Araraquara, Estado de São Paulo, Ano 2004.
Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando lote a lote na área 1, em 2000 (Figura 2), percebeu-se que se tratava de uma área com ocupação bastante diversificada. No decorrer dos anos observou-se a modificação no uso e na ocupação do solo, apresentando uma diminuição dessa diversificação, com tendência ao monocultivo, com predominância da cultura da cana-de-açúcar. Uma das razões para essa mudança de atitude dos assentados é a maior rentabilidade alcançada com essa cultura. Além disso, a região de Araraquara é grande produtora de cana e a presença das usinas no assentamento é bastante marcante.

A presença da cana nos assentamentos não é um fato novo, há mais de uma década houve uma proposta de consórcio de cana, envolvendo o poder local, uma usina e órgãos do Estado. Essa questão volta a aparecer e retoma a discussão do modo de vida organizado nos assentamentos, bem como a perspectiva de a agroindústria conviver com ambientes diversificados de produção/reprodução social e, discute-se, sobretudo, o significado, para alguns, da cana como uma possível estratégia de per-

manência na terra (FERRANTE e SANTOS, 2003).

No assentamento Monte Alegre 4 observou-se um comportamento diferente no uso e ocupação dos lotes quando comparado ao Monte Alegre 1. No lote 03, em 2000 observava-se na área que estava totalmente ocupada por pasto, o cultivo de soja e milho tomaram lugar em 2004. Situação semelhante ocorreu no lote 13, pois a área que era ocupada por pastagem em 2000, foi totalmente substituída por milho em 2004. A cultura do milho também teve sua área aumentada no lote 16.

No lote 40, a área que antes era ocupada por pasto foi substituída pelo milho. Observando os lotes 13 e 40 constatou-se que ocorreram as mesmas substituições. A opção pela produção de milho nos assentamentos Monte Alegre não é algo recente, pois estimulados pela Fundação Itesp no início do assentamento, essa cultura foi a primeira a ser produzida pelos assentados quando estes entraram no assentamento, produzindo-a em larga escala (FERRANTE; BARONE; FERREIRA, 2006). Nesse assentamento, alguns assentados já tinham experiência com o plantio

de milho, assim percebe-se haver uma retomada para o plantio dessa cultura.

As áreas ocupadas com pasto, feijão de porco e amora no lote 21 foram, em 2004, ocupadas com a cultura de soja, onde nesse caso, ocorreu uma perda da diversificação no uso e ocupação do solo. O plantio de amoreira realizado anteriormente tinha por objetivo a alimentação do bicho-da-seda, mas como o assentado não mais trabalhava nessa atividade, essa cultura foi substituída. Tal fato pode ter ocorrido em função dessa atividade requerer mão-de-obra constante, aliado a isso está o pouco retorno financeiro proporcionado pela criação e as exigências de padrão da empresa (no caso a Bratac, localizada no município de Bastos).

Uma pequena diversificação no uso e ocupação foi observada no lote 44, já que na área que era destinada apenas à pastagem em 2000, ocorreu uma modificação para o plantio de cana-de-açúcar e de feijão.

No caso da área 4, percebeu-se que os assentados retiraram a pastagem para dar lugar às culturas anuais como soja, milho e feijão, podendo indicar a uma mudança de estratégia para obtenção de produtos destinados ao autoconsumo. É interessante observar que somente um dos lotes, do total pesquisado, introduziu uma cultura de ciclo mais longo, no caso a cana-de-açúcar, que é considerada uma cultura semiperene.

5 - REORDENAMENTO ESPACIAL NOS LOTES DE MORADIA

Um fator bastante importante para a concepção do planejamento territorial é a decisão sobre a forma de organização das moradias. A localização das casas possui relação com fatores socioculturais das famílias, bem como com as formas de organização da produção. Sendo assim, as famílias podem optar pela moradia no próprio lote de produção ou, ainda, por morarem em agrovilas. A opção pela moradia na agrovila muitas vezes está ligada ao fato dessas pessoas, quando acampadas, terem criado

laços de amizades bastante fortes e, desta forma, preferem permanecer próximas umas das outras.

Os lotes, muitas vezes, sofrem modificações em seu tamanho, as quais, normalmente, são determinadas pelas estratégias estabelecidas pelas famílias. Nos assentamentos Monte Alegre 1 e 4 poucas foram as alterações ocorridas nos lotes. Quando há alguma mudança no tamanho dos lotes, muitas vezes, se dá pelo fato dos responsáveis cederem uma parte do lote a outros assentados ou a parentes. Este fato é importante porque aponta para estratégias estabelecidas pelos assentados em função do número de pessoas nas famílias. Uma vez que as famílias vão aumentando, seja pelo casamento dos filhos, seja para dar habitação a algum parente, os assentados reordenam seu espaço.

O reordenamento espacial dos lotes se dá, também, pela alteração no número de casas por lote. Em Monte Alegre 1 do total dos lotes, 27% apresentam mais de uma casa e em Monte Alegre 4 esse índice chega a apenas 9%. Esse fato pode estar relacionado ao crescimento da família, isto é, a partir do momento em que os filhos se casam, estes continuam a morar no lote, mas na sua própria casa. Esses dois assentamentos, pelo fato de possuírem fácil acesso à cidade e por estarem inseridos próximos à zona urbana, acabam servindo como “moradia” aos filhos, uma vez que estes moram no assentamento e trabalham na cidade. Como muitos não podem pagar um aluguel na cidade optam por morar no lote dos pais.

A parte de infra-estrutura dos assentamentos, assim como nos lotes, também se modifica ao longo do tempo. Basta analisar as estradas que vão surgindo no interior dos mesmos, ou ainda, a construção de escolas, igrejas, postos de saúde ou espaços comunitários, provocando uma reconfiguração do espaço. A rede de energia elétrica e o sistema de abastecimento de água são serviços públicos essenciais e que, muitas vezes, se tornam fatores determinantes da permanência das famílias no campo.

O sistema de moradia que concentram as famílias em agrovilas faz com que os investimentos em água, luz e equipamentos sociais, a serem im-

plantados pelo Estado, sejam reduzidos. Esse sistema pode estimular um processo mais associativo entre os assentados. Mas, por outro lado, pode afastar a família do lote de produção, que se situado longe da habitação pode causar barreiras para as formas de exploração mais intensivas, pela dificuldade de acesso aos lotes agrícolas, dificuldades de fiscalização da produção, entre outras (ITESP, 2000). Na área comunitária dos assentamentos deve ser garantido, pelo Estado, o abastecimento de água para o consumo humano. Sabe-se que muitos lotes possuem poço comum para o abastecimento de água. No assentamento Monte Alegre 4 a falta de poços se deve ao fato de que 100% dos lotes possuem água encanada. Já em Monte Alegre 1 percebeu-se a presença de cisterna (15%) e de poço artesiano (15%) nos lotes.

Nas condições normais, no Estado de São Paulo, a captação de água com destino à produção, quando são necessárias a projetos mais intensivos, como irrigação, estufas e pecuária leiteira, é custeada pelos próprios assentados, com recursos próprios ou através de projetos de financiamento. Isso pode explicar a pouca quantidade de pessoas que possuem em seus lotes algum sistema de irrigação.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho indicou que, apesar dos assentamentos Monte Alegre 1 e Monte Alegre 4 localizarem-se numa mesma região e, sobretudo, bastante próximos, as dinâmicas de produção são muito distintas. Ambos diminuíram suas áreas de pastagem, mas um deles (Monte Alegre 4) optou por plantio de culturas destinadas ao consumo na propriedade, como o feijão e o milho (este inclusive para alimentação animal), enquanto o outro assentamento (Monte Alegre 1) pela introdução da cana-de-açúcar nos lotes de produção.

O desenvolvimento de estratégias produtivas, em muitos casos, passa pela adoção de explorações que são típicas de grandes propriedades, como ocorreu no assentamento Monte Alegre 1, onde per-

cebeu-se a tendência à implantação da cana-de-açúcar, em detrimento da diversificação da propriedade. Por outro lado, essas estratégias podem se dar pela opção de diversificação da propriedade e pelo plantio de culturas voltadas ao autoconsumo.

Dessa forma, analisando os dois assentamentos (Monte Alegre 1 e 4) verificou-se que as estratégias de uso e ocupação do solo adotadas são diferentes. Os assentados pertencentes a cada área apresentam características próprias de acordo com as perspectivas de mercado, mão-de-obra utilizada na produção, entre outras. Essas mudanças têm como princípios, além da busca pelo aumento da renda, o estabelecimento de estratégias que viabilizem a permanência e a reprodução da família e do patrimônio familiar.

Quanto às modificações nos lotes de residência como, por exemplo, o aumento do número de casas, percebeu-se que existem similaridades nos dois assentamentos, uma vez que ambos traçam estratégias de acordo com as dinâmicas que ocorrem na família, como casamento dos filhos, agregação de parentes ou amigos.

Apesar dos assentamentos se localizarem próximos, notou-se que existem diferenças quanto à ocupação e uso do solo, tal fato pode sinalizar aos órgãos de assistência técnica e extensão rural que essas áreas necessitam de planejamentos distintos, uma vez que as realidades também o são. Assim, os trabalhos desenvolvidos nessas localidades serão viáveis a partir do momento em que se levar em consideração as peculiaridades de cada área e de cada região.

LITERATURA CITADA

ANTUNIASI, M. H. R.; AUBRÉE, M.; CHONCHOL, M. E. F. de. De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 125-132, jul./set. 1993.

BERGAMASCO, S. M. P. P.; NORDER, L. A. C. **A alternativa dos assentamentos rurais**: organização social, trabalho e política. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

_____; BLANC-PAMARD, C.; CHONCHOL, M. E. **Por um atlas**

dos assentamentos brasileiros: espaços de pesquisa. Rio de Janeiro: DL/Brasil, 1997.

CÂMARA, G.; MEDEIROS, J. S. de. Mapas e suas representações computacionais. In: ASSAD, E. D.; SANO, E. E. (Orgs.). **Sistemas de informações geográficas:** aplicações na agricultura. 2. ed. Brasília: Embrapa-SPI/ EMBRAPA-CPAC, 1998.

DANTAS, A. O homem rural no assentamento de reforma agrária. In: WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE, E. C. **Retratos de assentamentos.** Araraquara: NUPEDOR/Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FCL, v. 6, n. 6, 1998.

DUVAL, H. C.; FERRANTE, V. L. S. B. Programas municipais e produções de autoconsumo: alternativas para o desenvolvimento com sustentabilidade nos assentamentos de Araraquara-SP. In: FERRANTE, V. L. S. B. (Org.). **Retratos de assentamentos.** Araraquara: UNIARA/UNESP, n. 10, 2006. p. 67-81.

FERRANTE, V. L. S. B. Assentamentos rurais e poder local: os rumos da descentralização da reforma agrária. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 6.; 2002, Porto Alegre. **Anais...** CD-Rom. p. 1354-1361.

_____. Assentamentos rurais X dinâmica regional: impactos e tensões. In: FERRANTE, V. L. S. B. (Org.). **Retratos de assentamentos.** Araraquara: NUPEDOR/Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FCL, v. 6, n. 8, 2000.

FERRANTE, V. L. S. B. **Estratégias familiares:** reverso possível ao modelo estatal de assentamentos? (1997). Disponível em: <<http://naya.feedback.net.ar/congresos/contenido/49CAI/Ferrante.htm>> Acesso em: 5 ago. 2007.

_____; BARONE, L. A. A descentralização da reforma agrária: muita retórica e poucas ações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41., 2003, Juiz de Fora, MG. **Anais...** CD-ROM.

_____; SANTOS, M. A. P. Novas roupagens, velhas questões: a cana nos assentamentos rurais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41., 2003, Juiz de Fora, MG. **Anais...** CD-ROM.

_____; BARONE, L. A.; FERREIRA, M. A. Reforma agrária e desenvolvimento: bloqueios, tensões e perspectivas. 2006. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

_____; WHITAKER, D. C. A.; BARONE, L. A. Dezoito anos de assentamentos rurais: diferentes dimensões desta difícil maioria. In: FERRANTE, V. L. S. B. (Org.). **Retratos de assentamentos.** Araraquara: UNIARA/UNESP, n. 9, 2004, p. 11-60.

INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - ITESP. **Construindo o futuro:** políticas de investimento em assentamentos rurais, seus custos e seus resultados. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Páginas & Letras, 2000. (Série Cadernos Itesp, n.10).

Recebido em 23/05/2007. Liberado para publicação em 18/10/2007.